

OS DIFERENTES USOS ATRIBUÍDOS AO VERBO *TER* NA FALA DE SERTANEJOS DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE

Mizilene Kelly de Souza Bezerra (UERN)

kelly.souza.b@hotmail.com

Luana Járdila dos Santos Estevão (UERN)

jardilaluana1@gmail.com

RESUMO

Muitos são os estudos desenvolvidos acerca do verbo *ter* nas mais variadas vertentes teóricas, contudo, poucos se dedicam a observar o fenômeno em questão na perspectiva adotada nesta pesquisa. Posto isso, este trabalho analisa os diferentes usos atribuídos ao verbo *ter* na língua falada, tendo como orientação a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que compreende a língua como uma atividade social, considerando seus contextos de uso. O *corpus* selecionado é constituído pela transcrição de uma (01) das entrevistas que compõem o banco de dados referente à III Exposição Temática do Museu de Cultura Sertaneja (MCS) “Memórias dos Engenhos e das Casas de Farinha”, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN), por conter amostras de língua falada em situações reais de interação.

Palavras-chave:

LFCU. *Ter*. Memórias dos Engenhos e das Casas de Farinha.

ABSTRACT

There are many studies developed about the verb *ter* in the most varied theoretical aspects, however, few are dedicated to observe the phenomenon in question in the perspective adopted in this research. Having said that, this work analyzes the different uses attributed to the verb *ter* in the spoken language, having as orientation the Use-Centered Functional Linguistics (UCFL), which understands the language as a social activity, considering its contexts of use. The selected *corpus* consists of a transcript of one (01) of the interviews that make up the database referring to the III Thematic Exhibition of the Museu de Cultura Sertaneja (MCS) “Memories of Mills and Flour Houses”, from the *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN), for containing samples of spoken language in real situations of interaction.

Keywords:

Ter. UCFL. Memories of Mills and Flour Houses.

1. Introdução

Que as línguas mudam, é fato. E para percebermos isso na prática, basta comparar a forma que nossos avós falam com a linguagem dos jovens. Ou ainda, ler um texto que tenha sido produzido em uma época

distante da nossa. Qualquer uma dessas ações evidencia a mudança que as línguas naturais sofrem com o passar do tempo. Logo, notamos um contraste entre a visão de uma gramática estática, aquela tradicional que estudamos desde cedo na escola, com uma gramática, essencialmente, dinâmica e mutável.

Para dar conta dessa questão, os linguistas têm apresentado diferentes conceitos e estratégias metodológicas. Desde Saussure, que assumiu a visão de um sistema linguístico estático, passando por Chomsky¹ que também teve um posicionamento semelhante, propondo a independência do conhecimento linguístico em relação a seu uso, até chegarmos ao advento da Sociolinguística e a retomada dos estudos por parte dos funcionalistas é que o fenômeno da mudança voltou a configurar como sendo importante na ciência da linguagem.

Propostas atuais têm demonstrado que as mudanças ocorrem envolvendo uma relação com os contextos discursivo-pragmáticos, quer dizer, o fenômeno tende a ser motivado pelos contextos comunicativos nos quais os falantes produzem seus enunciados, “basicamente, a mudança da língua, de acordo com a concepção centrada no uso, motiva-se a partir do ato da comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 24).

Diante disso, este artigo analisa os diferentes usos atribuídos ao verbo *ter* presentes na fala de sertanejos que residem no sítio Pedro Rodrigues, município de Portalegre-RN, tendo como fundamentação teórica os postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU).

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: apresentamos, primeiro, esta introdução. Na sequência, focalizamos os aspectos metodológicos para, no tópico seguinte, tratarmos da síntese teórica que o norteia. Em seguida, a análise dos dados coletados, bem como sua discussão. Por último, temos a conclusão.

¹ Na tradição chomskiana, essa mudança linguística se daria de geração para geração, ou seja, conforme as crianças cresciam, desenvolveriam regras um pouco diferentes, a partir das falas ouvidas dos adultos. É possível dizer que esse fenômeno não se constituiu como um estudo importante na agenda gerativista, e sim restrita a poucos autores que por ela se interessaram.

2. Aspectos Metodológicos

2.1. Caracterização da pesquisa

Diante do universo que compreende os estudos linguísticos, nossa investigação, como já dito, é orientada pela LFCU, por assim conceber a língua nos seus mais variados contextos, tornando sólido o distanciamento da perspectiva enquanto sistema fechado. Procuramos desenvolver uma pesquisa de natureza descritiva e interpretativa. Quanto a abordagem, recorreremos a qualitativa, favorecendo o emprego também da quantitativa. Realizado por meio de procedimentos bibliográficos, este trabalho está ancorado no método dedutivo.

2.2. Descrição do material de análise²

Os dados são provenientes do banco de transcrições das entrevistas referentes à III Exposição Temática do Museu de Cultura Sertaneja (MCS) “Memórias dos Engenhos e das Casas de Farinha”, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN), que contém amostras de língua falada em situações reais de interação, o que reflete um discurso natural, e é constituído, até o momento³, por vinte (20) transcrições das quais selecionamos uma (01) para o desenvolvimento deste texto.

² O Programa Raízes da Cultura Sertaneja (PROCULT), com sede na cidade de Pau dos Ferros/RN, é uma iniciativa de docentes do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) e do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), em parceria com o Museu de Cultura Sertaneja (MCS), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e com outros Departamentos acadêmicos do CAPF. O PROCULT tem como objetivo principal desenvolver ações extensionistas que ampliem o conhecimento, o acesso e a valorização do patrimônio histórico, cultural, econômico e político do homem do sertão nordestino, bem como promover atividades acadêmico-pedagógicas que fortaleçam e deem visibilidade à identidade cultural da região. As ações acadêmico-culturais e extensionistas do PROCULT são realizadas na sede do Museu de Cultura Sertaneja e em escolas e instituições públicas e privadas da região do Alto-Oeste potiguar e de regiões de fronteiras dos estados do Ceará e Paraíba. Para realização das ações do PROCULT, as equipes, formadas por docentes, técnicos e alunos de graduação e pós-graduação do CAPF/UERN, atuam em conjunto com a direção executiva e com os servidores do Museu de Cultura Sertaneja, para atendimento à comunidade acadêmica, escolar e a sociedade em geral.

³ O material está em fase de conclusão, pois algumas poucas entrevistas ainda precisam ser transcritas.

Essa entrevista, assim como as demais, foi realizada pelos participantes do projeto PROCULT (professores, técnicos administrativos e alunos), a transcrição feita por Antonia Gerlania Viana Medeiros, diretora executiva do MCS, e teve duração de 1h41min, fato que levou a sua escolha diante das demais, tendo em vista que isso poderia sinalizar um maior número de ocorrências com o verbo *ter*.

A ideia de dar preferência a esse material foi motivada, antes de tudo, pelo fato dele ainda ser pouco explorado, e depois porque enquanto algumas pesquisas são realizadas sem levar em conta os contextos reais de uso da língua, com dados não produzidos por falantes em situações comunicativas interacionais, este é estritamente conversacional.

2.3. Procedimentos utilizados

Para execução da pesquisa, partimos de estudos permeados pela leitura de textos difundidos pelos autores do aporte teórico acerca do campo de conhecimento da teoria adotada, qual seja, a LFCU, bem como, de maneira mais específica, aqueles que se dedicam ao verbo *ter*. À medida que tomamos esse conhecimento, passamos a coletar, dentro do banco escolhido, as construções com *ter* e sua frequência. Em seguida, classificamos os seus diferentes sentidos relacionados por meio de um levantamento quantificado em tabelas para uso de análise.

Apresentado o norte metodológico, exibimos, no tópico seguinte, a fundamentação teórica responsável por orientar a análise realizada.

3. Síntese teórica

Diversos trabalhos têm sido realizados sobre o verbo *ter*, apresentando, cada um desses, uma grande contribuição para a descrição do Português Brasileiro (PB). Nossa pesquisa vem somar, no intuito de contribuir para a compreensão dos diferentes usos do verbo *ter*, que não somente a partir da perspectiva apresentada pela Gramática Tradicional (GT).

Falando nisso, é bom lembrar que os cânones gramaticais apresentam o fenômeno como verbo de posse ou auxiliar, e é exatamente isso que é ensinado nas aulas de língua portuguesa, se considera apenas esses usos. Entretanto, é possível perceber variados comportamentos de *ter* e, por essa razão, entendemos que construções com seu uso sinalizam sen-

tidos diversos que se encontram consagradas na fala coloquial de muitos brasileiros.

Antes de adentrarmos na análise do fenômeno, precisamos definir a abordagem das línguas que estamos aqui adotando. O termo “linguística baseada no uso” (ou *usage-based model*) utilizado primeiramente por Langacker (1987), passou a ser traduzido como “linguística centrada no uso” em Martelotta (2011). Por último, o Grupo Discurso e Gramática (D&G – Natal-RN) designou “linguística funcional centrada no uso” como proposição teórico-metodológica. O termo se apresenta como uma junção da linguística funcional, representada por Givón, Hopper, Traugott, Bybee, entre outros, como também da linguística cognitiva representada por Lakoff e Langacker. Nessa abordagem há uma relação entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas em situações reais de comunicação, conforme afirma Furtado da Cunha e Souza (2007):

Os funcionalistas estão interessados em explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Ultrapassam, portanto, o âmbito da estrutura gramatical, e buscam na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 14-15)

Diante disso, verificamos que o funcionalismo considera os usos da língua, o que implica dizer que as línguas não são autônomas nem totalmente arbitrárias, mas maleáveis, adaptáveis às diferentes manifestações discursivas.

Sendo assim, a língua está sujeita às pressões advindas do uso, logo, a gramática sofrerá mudanças, pois ela é “um sistema flexível, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia a dia” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA 2007, p. 17-18). Esse mecanismo, veiculado pelo uso, motiva processos que implicam modificações e extensões no emprego das expressões linguísticas. Os novos usos podem transcender os limites da comunicação em que são utilizados a ponto de serem inseridos no sistema. Por isso, segundo Furtado da Cunha e Souza (2007),

[...] a gramática tem sua origem no discurso, aqui tomado como o conjunto de estratégias criativas empregadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. [...] As regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas mudam, é necessário observar a língua como ela é falada). (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 18-19)

Nessa perspectiva, a LFCU não considera os fenômenos linguísticos a partir de frases que não estão no contexto real da língua, as ditas frases descontextualizadas, como podemos encontrar nas gramáticas normativas tradicionais. São levadas em consideração para suas análises amostras com dados reais, produzidos pelos falantes nos diversos contextos de comunicação. Não devemos nos limitar a frases e períodos isolados, mas empreender em nossos estudos gramaticais os atos enunciativos do discurso.

A mudança linguística com ênfase em seu papel na formação da gramática do PB é analisada também a partir da abordagem que se vale das postulações da LFCU, pois há uma forte preocupação em compreender as alterações das entidades linguísticas. Para Bagno, Casseb-Galvão e Resende (2017, p. 10): “a mudança linguística é um fenômeno inerente à língua, passível de ser estudado cientificamente e resultante das multifacetadas da formação humana, incontornavelmente social”.

Nas palavras de Bally (COSERIU, 1979, p. 15): “as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando”; daí a ideia de que são, essencialmente, dinâmicas. Ora, se os homens as desenvolveram para promover a comunicação, e eles evoluem e mudam suas concepções acerca do mundo, é natural que sua forma de falar se modifique, motivando as mudanças estruturais das línguas com o passar do tempo (MARTELOTTA, 2011, p. 28).

O verbo *ter* já denotava alternância de sentido no latim, quando se dividia entre posse e existência, no entanto, os gramáticos, de certo modo, apresentam o conceito relacionado ao uso pleno do verbo, na perspectiva normativa. Barros (1532), na conjugação de *ter* chama de *tempo per rodeio* aqueles que estão fora do padrão, ou seja, aqueles usos utilizados na linguagem mais comum e que não são considerados pela proposta normativa da tradição gramatical, quer dizer, ele menciona a existência de casos em que o referido verbo declinava para outros usos que fugia à regra, no entanto, para isso não se é dada a devida importância, ficou à margem porque não fazia parte da tradição.

Para Rocha Lima (1976), *ter* é um verbo auxiliar com a mesma função de *haver*, em alguns casos. Mas essa conceituação é apenas formal, pois não há um contexto para mostrar a sua materialização no discurso.

Assim como Bechara (2009) e Azeredo (2010), Cunha e Cintra (2013) também consideram que *ter* é empregado como verbo auxiliar, e

embora os autores se apropriem de concepções da variedade linguística, no que diz respeito à gramática esses se valem da variedade padrão, considerando apenas a forma e não a função do verbo. Desse modo, *ter* apresenta diversidade de uso, mas só na estrutura formal, somente para realizar a predição do evento, a sua funcionalidade no uso não é levada em consideração. Já Borba (1990) difere dos teóricos apresentados anteriormente, pois descreve uma diversidade de uso para *ter*, que pode indicar estado, exprimir verbos de ação, estado, processo, ação-processo e, ainda, ocorrer em tipos textuais com posição auxiliar, modalizador, verbaliizador e expressões.

Diante disso, a nossa pesquisa se mostra relevante na medida em que se diferencia da abordagem ilustrada pelos autores, pois se orienta a partir da perspectiva funcionalista, verificando os diferentes usos atribuídos ao verbo *ter* em situações de fala.

4. Panorama do uso do verbo *ter* na fala de sertanejos do interior do Rio Grande do Norte

Nesta seção, apresentamos as discussões de cunho analítico, aferidas a partir do banco de transcrições das entrevistas referentes à III Exposição Temática do Museu de Cultura Sertaneja (MCS) “Memórias dos Engenhos e das Casas de Farinha”, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN). Orientadas pela corrente teórica da LFCU, destacamos a frequência dos usos de construções com *ter* na oralidade e sua configuração semântica.

4.1. Frequência dos usos de construções com *ter* na oralidade e sua configuração semântica

Este subtópico é destinado à apresentação e discussão da frequência dos usos do verbo *ter* nas amostras da fala de sertanejos. Nos valendo de uma análise quali-quantitativa, contabilizamos na tabela abaixo o número de ocorrências de cada tipo verbal:

Tabela 1: Tipos verbais.

Nº	Tipos verbais	Total
1	Tem	105
2	Tenho	35
3	Tinha	72
4	Ter	9

5	Teria	1
6	Tenha	4
7	Tido	1
8	Tivesse	3
9	Teve	9
10	Têm	14
11	Tinham	1
12	Tenha	4
13	Tiver	4
14	Tive	1
Total		263

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Na transcrição analisada, verificamos 263 ocorrências, distribuídas em um total de 14 tipos verbais distintos. Entre os mais frequentes, destacamos o tipo *tem*, com um total de 105 ocorrências (39,9%), seguido do tipo *tinha*, com um total de 72 ocorrências (27,3%). O terceiro tipo mais recorrente, com um total de 35 ocorrências (13,3%), foi *tenho*, já o quarto tipo mais recorrente foi *têm*, com um total de 14 ocorrências (5,3%). *Ter* e *teve* registraram 9 ocorrências (3,4 %) cada um. As demais ocorrências apresentaram variação entre 1,5%, 1,1%, 0,7% e 0,3%.

A maior parte dos sentidos veiculados pelo tipo verbal *tem* e pelo tipo verbal *tinha* indicam o sentido existencial atribuído aos verbos *haver* e *existir*. A saber:

SANDRA ((risos)) *Aí quando... é de tardezinha, <a gente vai pegar a goma>, °que temlá°... os pedacinhos e () aqu, aí (), vamo quebrar a goma miudinho pra colocar aqui no forno. Bota o fogo também, mas fogo baixo.*

DONA NOINHA *Já tinha um engenho lá embaixo, desse dono daqui mesmo. Lá embaixo. Que era do dono desse aqui, e do meu avô e dos outros, que era dos pais dele, nera. Aí ficou lá embaixo o engenho.*

Essa ocorrência do verbo *ter* denota o sentido existencial verificado na maior parte dos usos. Tal incidência considerável, indicando esse sentido, diverge do que é apresentado pela GT, já que ela preconiza a ideia típica de posse, fato esse que aponta para o processo de mudança pelo qual o verbo passa.

Com relação à configuração semântica, destacamos na tabela abaixo, todos os sentidos veiculados e efetivados linguisticamente nas construções através dos usos do verbo *ter* entre os tipos verbais destacados anteriormente, a saber:

Tabela 2: Sentidos do verbo *ter*.

Nº	Sentido	Total de ocorrências
1	Existir/Haver	96
2	Possuir	56
3	Obrigatoriedade	9
4	Idade	16
5	Tempo	9
6	Quantidade	25
7	Sentir	16
8	Lembrar	7
9	Selecionar	5
10	Interrupção	1
11	Medir	3
12	Ser	8
13	Certeza	3
14	Ir	5
15	Estar	2
16	Fazer	2

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Como é perceptível, o uso do verbo *ter* com sentido existencial é predominante em relação aos demais, sendo totalizados 36,5% das ocorrências, inclusive, até mesmo do que o sentido de posse, que é o considerado padrão pela gramática tradicional, compreendendo 21,3% das ocorrências.

Ademais, além do sentido de posse e de existência, foi possível verificar que mais 14 (quatorze) sentidos foram veiculados por esse verbo. O que revela um alto grau de interferência pragmática na língua, resultando em alteração das entidades linguísticas. A título de demonstração, vejamos:

*SANDRA Não, num **tem** essa história de contratar. Aqui é só as pessoas querer. **Têm** seus pezinhos de mandioca para fazer é só vim.*

Nessa amostra, temos duas ocorrências do verbo. A primeira apresenta o sentido expresso na maior parte das ocorrências, o existencial. A segunda apresenta o sentido de posse, um dos mais recorrentes e abordado pela tradição gramatical como sentido categórico expresso pelo verbo *ter*. Esse sentido representa o segundo maior número de ocorrências, como já mencionado anteriormente.

Vejamos a amostra a seguir:

*DONA NOINHA Ai.: o rei foi e disse: “Camonge, eu vou mandar lhe matar”. Ai, ele foi e disse: “e eu mando matar você”. Ai ele foi e disse: “E como é?”. Ele disse: “Olhe, naquele... naquele cruzeiro quantas bolas **tem** aculá?”=bola de ouro que o rei fez em frente da casa, com doze bo-*

la. Camonge subiu tirou seis e deixou seis. Ai ele foi e disse: “Camonge...”. Ai ele foi e disse que Camonge disse que ia matar o rei se o rei matar Camonge. Se (o rei) contasse história mentirosa era pra matar.

O terceiro sentido mais expresso nas ocorrências encontradas na amostra analisada foi o da referência a unidade nominal contável. Na amostra em questão, identificamos a equivalência do verbo *ter* à capacidade de contabilizar a quantidade de um determinado objetivo. Seguindo a análise, temos:

GILTON °De todo serviço°. Vocês têm mais dificuldade de contratar pessoas hoje do que... do que... quando a senhora começou aqui jovem?

Na amostra de fala acima, o verbo apresenta sentidos de aspectos abstratos, como é o caso das experimentações de sentimentos ou qualidades. No exemplo em questão, seria a experimentação de uma qualidade ou caráter daquilo que é difícil. Nesse caso, o sentido do verbo é atribuído à dificuldade de um sujeito ao realizar uma determinada tarefa. Vejamos mais uma amostra de outra ocorrência:

FRANCICLÉZIA Atualmente dona Noinha, a senhora tem lembrança de... de... durante o ano, quantas vezes é alugada aí, a casa de farinha?

Aqui, o verbo *ter* evoca a função de lembrar de algo. É perceptível que, sendo seguido do substantivo *lembrança*, o verbo desempenhou uma função de representar o sentido de lembrar, exercício mental inerente à capacidade humana de evocar na memória acontecimentos e experiências já vivenciadas.

Esses sentidos atribuídos ao verbo *ter* em amostras da oralidade, decorrem das pressões que o uso exerce sobre a língua. Pois, como já discutido anteriormente, e de acordo com a orientação teórica da LFCU, a língua é sensível ao uso, o que a torna sujeita à mudança. O que compreendemos a partir dessa análise e dos sentidos variados que esse verbo apresenta, é que, a partir do uso, processos de extensão em seu emprego foram desencadeados e aplicados nessas interações linguísticas.

5. Conclusão

Neste artigo, analisamos os diferentes usos atribuídos ao verbo *ter* na língua falada, considerando para tanto os aspectos não só de forma, mas também de função. Com isso, constatamos não somente o que rege a tradição gramatical; quer dizer, existe uma variedade de usos que acabam por demonstrar a dinamicidade do verbo observado, levando a acreditar em um processo de mudança pelo qual está passando.

Aqui cabe a constatação que as ocorrências com *ter* são bastante produtivas no PB, apresentando variados sentidos, sendo o existencial mais utilizado (prototípico), seguido do de posse.

Ressaltamos, ainda, a importância deste trabalho para a área de pesquisas em estudos linguísticos, em especial os voltados para o PB, por dialogar com o viés teórico aqui adotado que analisa a língua considerando as reais situações de comunicação utilizadas pelos falantes da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. de. *Gramática houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017.

BARROS, J. *Gramática da língua portuguesa*. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b_002. Acesso em: 04 nov. 2020.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, F. S. *et al. Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

LIMA, L. R. Transcrição da Entrevista de Luzia Rodrigues de Lima (Dona Noinha) – Com Participação de Dona Totó e Dona Sandra, do Sítio Pedro Rodrigues, Município de Portalegre-RN. Folha: 338. Entrevista concedida a SOUZA, G. S. *et al.* In. *Transcrições das entrevistas referentes à III Exposição Temática do MCS “Memórias dos Engenhos e das Casas de Farinha”*. Pau dos Ferros: Museu de Cultura Sertaneja (CAPF/UERN), 2018.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.